



Fábio Aristimunho Vargas
(Organizador)

ARARARA

ANTOLOGIA DE PALÍNDROMOS

Foz do Iguaçu

EDUNILA

Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

2021

Ficha catalográfica elaborada pela EDUNILA – Editora Universitária

A662 Arara rara: antologia de palíndromos / Fábio Aristimunho Vargas (Org.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021.

103 f.

ISBN: 978-65-86342-00-0

1. Linguística. 2. Palíndromia. 3. Palíndromo. I. Vargas, Fábio Aristimunho. II. Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA. III. Título.

CDU (2. ed.) – 80

Catálogo na fonte: Bibliotecário Leonel Gandi dos Santos CRB 11/753

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização prévia, por escrito, da editora. Direitos adquiridos pela EDUNILA – Editora Universitária.

EDUNILA – Editora Universitária
Av. Tancredo Neves, 6731 – Bloco 4
Caixa Postal 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil
CEP 85867-970
Fones: +55 (45) 3522-9832 | 3522-9843 | 3522-9836
editora@unila.edu.br
www.unila.edu.br/editora

Impresso no Brasil. 2020
Foi feito o depósito legal

Editora associada à
 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Gleisson Pereira de Brito *Reitor*

Luis Evelio Garcia Acevedo *Vice-reitor*

EDUNILA – EDITORA UNIVERSITÁRIA

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador-geral*

Edson Carlos Thomas *Administrador*

Francieli Padilha B. Costa *Programadora visual*

Leonel Gandi dos Santos *Bibliotecário-documentalista*

Natalia de Almeida Velozo *Revisora de textos*

Nelson Figueira Sobrinho *Editor de publicações*

Ricardo Fernando da Silva Ramos *Assistente em administração*

CONSELHO EDITORIAL

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador da Editora Universitária*

Natalia de Almeida Velozo *Representante da Coordenação Executiva*

Elaine Aparecida Lima *Representante dos técnico-
administrativos em educação da UNILA*

Yuli Andrea Ruiz Aguilar *Representante dos discentes da UNILA*

Ulises Bobadilla Guadalupe *Instituto Latino-Americano de Tecnologia,
Infraestrutura e Território (ILATIT – UNILA)*

Laura Márcia Luiza Ferreira *Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e
História (ILAACH – UNILA)*

Marcela Boroski *Instituto Latino-Americano de Ciências da
Vida e da Natureza (ILACVN – UNILA)*

Debbie Guerra *Universidad Austral de Chile*

Norma Hilgert *Universidad Nacional de Misiones (Argentina)*

María Constantina Caputo *Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

Daniela Birman *Universidade Estadual de Campinas
(Unicamp)*

EQUIPE EDITORIAL

Nelson Figueira Sobrinho *Preparação, edição e revisão de textos*

Natalia de Almeida Velozo *Revisão de textos*

Francieli Padilha B. Costa *Projeto gráfico, capa e diagramação*

Leonel Gandi dos Santos *Normalização bibliográfica*

SUMÁRIO

9 Prefácio

17 Autores Palindromistas

Adriano Valle.....	18
Ana Júlia Gomes Vargas.....	20
Antonio Eder.....	21
Antônio José de Carvalho.....	23
Aparício Torelly, o Barão de Itararé.....	25
Arnaldo Antunes.....	26
César Miranda.....	27
Chico Buarque.....	28
Claudio Julio Tognolli.....	29
Clélio Lemos.....	30
Dilênio Cruz.....	31
Eno Teodoro Wanke.....	33
Estevão Azevedo.....	35
Fábio Aristimunho Vargas.....	38
Fraga.....	42
Francisco dos Santos.....	45
Gab Marcondes.....	46
Geraldo Vidigal.....	47
Giba Assis Brasil.....	49
Gilberto Yuji Hirabayashi.....	51
Gregorio Duvivier.....	54
Guilherme Alberto Almeida de Almeida.....	55
Guto Lacaz.....	57
Heitor Isoda.....	59
Hemeterio.....	61
Hugo Maciel de Carvalho.....	64

Ivan Freire.....	65
Júlia Lima.....	67
Laerte.....	68
Leo Cunha.....	70
Lucas Verzola.....	71
Lúisa Amoroso.....	72
Luiz Mors Cabral.....	74
Marta Lagarta.....	76
Millôr Fernandes.....	78
Neuci Gonçalves.....	79
Ota.....	80
Pablo Javier Alsina.....	81
Paulo Alberto Brombal.....	83
Paulo Ferraz.....	85
Paulo Henriques Britto.....	86
Pedro Mohallem.....	87
Ricardo de Bastos Cambraia.....	89
Rômulo Marinho.....	91
San Tiago Caraíva.....	93
Sérgio Igrés.....	94
Sofia Mariutti.....	96
Victor Del Franco.....	97
Ziro Roriz.....	99

103 Sobre o organizador

Cumpra ao bom professor, verdadeiramente cômico de seus deveres, conhecer todas as recreações que são de emprego frequente em Didática, pois só assim poderá, uma ou duas vezes por semana, proporcionar a seus alunos o encanto de uma atividade pedagógica altamente motivadora.

A recreação, de fundo educativo-cultural, quando aplicada com certa oportunidade, é de incalculável valor didático, moral e até mental. [...]

Entre as recreações mais úteis e interessantes, que um bom professor pode apresentar, em aula, aos seus alunos, destaquemos, em primeiro plano, a Palíndromia.

Malba Tahan, *Matemática recreativa*

Para Rômulo Marinho,
in memoriam

PREFÁCIO

Esta **arara** que você tem pousada em suas mãos é uma antologia de palíndromos em língua portuguesa, com autores representantes de todas as regiões do país.

Palíndromos são palavras, frases ou números que repetem a si mesmos quando lidos na ordem inversa. É o caso, por exemplo, de enunciados célebres como “**A torre da derrota**”, “**Oto come mocotó**” e “**Socorram-me! Subi no ônibus em Marrocos**”, que podem ser lidos de trás para frente sem que seu texto se altere. Na leitura inversa, desconsideram-se elementos como a acentuação e demais diacríticos, pontuação, espaçamento, hifenização e distinção entre maiúsculas e minúsculas.

Artífices amadores e “achadores” eventuais de pepitas palindrômicas estão, nesta antologia, lado a lado com palindromistas experientes e publicados. Nossa seleção, que demandou vasculhas por bibliotecas, *blogs*, livros, jornais e revistas, *sites* e tuítes, contatos em editoras, cartas e telefonemas a familiares, a princípio se limitaria a **22** autores, número que oportunamente subiu a **33**, depois a **44**, e se foi deixando alargar, até os atuais 49 palindromistas (ou, em termos palindrômicos, **7 x 7**) – para o nosso regozijo e, estamos certos, também o do leitor. Alguns contatos acabaram não prosperando, enquanto alguns convites terminaram declinados. Com um teto de quinze palíndromos por colaborador, imaginem-se quantos bons textos tiveram de ser preteridos.

Um palíndromo pode acontecer como uma descoberta, um achado, uma pedra em que a gente tropeça casualmente ou que garimpa com intenção, mas que pode ter feito outros vacilarem antes de nós. Não é incomum a autoria coincidente, ou incidente de coautoria, que ocorre quando compositores distintos chegam a um mesmo palíndromo, sobretudo se com poucas palavras ou se estruturado a partir de um mesmo vocábulo.

A “invenção simultânea” é um fenômeno bem conhecido em outras searas. No conhecimento científico, designa a hipótese de que certas invenções e descobertas teriam sido feitas de modo independente e simultâneo por múltiplos cientistas ou inventores. No xadrez, não é raro que partidas se repitam, lance a lance, entre oponentes diversos, assim como há certa recorrência de problemas enxadrísticos formulados por pessoas em circunstâncias distintas.

Também para esta antologia chegaram palíndromos com autoria coincidente – nada anormal, dada a ordem palindrômica das coisas. Para esses casos, adotamos como critério de seleção a publicação anterior ou o primeiro envio, sem prejuízo para a coautoria incidental.

Os autores

Os palíndromos, como se vê, põem em xeque o conceito convencional de autoria. Mas os melhores textos são sempre obras autorais, uma espécie de manifestação – artística ou lúdica, ilógica ou ocultista – marcada pela voz que os enuncia.

A mensagem, junto com a temática, a escolha vocabular, a pontuação e a articulação da frase, pode denotar, com maior ou menor expressividade, certa visão de mundo, o humor e a ironia próprios de seu autor, seu senso estético e suas idiossincrasias, conformando um estilo peculiar. No caso de uma antologia, como a presente, a própria seleção de palíndromos dentro de um vasto acervo particular pode ser, por si mesma, significativa.

Uma dessas peças autorais, trabalhada pelo escritor carioca Paulo Henriques Britto, é o seu “**Ótimo, só eu, que os omito**”. Temos nesse palíndromo um microconto exemplar, que pouco mostra e muito sugere, com um narrador em primeira pessoa a rivalizar em autocentrismo com, digamos, o protagonista de um *Yo el Supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos. Também a forma, que pressupõe uma leitura que vai e vem, servirá para ilustrar uma fala que se volta, como uma onda, contra o seu próprio enunciador.

O tocantinense César Miranda, representante da região norte do Brasil nesta antologia, se destaca pelo tom coloquial e pela oralidade, além de traços de humor; seus palíndromos soam como um conselho, uma fala amistosa, impressão reforçada pelo uso sistemático do travessão: “– **Alie-se, sei lá**”, “– **Adia, ela vale a ida**”. Já o brasileiro Adriano Valle, que traz do xadrez sua experiência estratégica, é responsável por uma pérola da metalinguagem palindrômica: “**Reler: a rigor, eu quero girar e ler**”. Também metalinguística é esta composição do baiano Dilênio Cruz: “**Aí ele ri. Versos reversos. Revire. Leia**”. Dilênio ainda é autor de “**A mala remete Temer à lama**”, em fina sintonia com o noticiário político.

Como não notar certa influência de Amy Winehouse em “**Rá! Podem me dopar...**”, na voz da paulistana Júlia Lima? O arquiteto e artista plástico paulistano Guto Lacaz, que conheceu a magia dos palíndromos na década de 70, mas acreditando-se sem dom para invocá-la, teve o *insight* de reunir, no livro de artista *Contas anacíclicas* (2003), vinte e três contas de restaurante cujos valores constituem números palindrômicos incidentais, os chamados capicuas. Alguns desses saborosos achados estão aqui servidos.

Destacam-se pelo humor os paulistanos San Tiago Caraíva, autor do livro de palíndromos *A INTER ETNIA* (2014), com “**Ocupa a PUC, ô!**” e “**O Atari piratão**”, e Lucas Verzola, com “**o vovô ama alemã. mela a mão, vovô!**”. Outro a trilhar essa senda é o paranaense Guilherme Alberto Almeida de Almeida, radicado em Brasília. Em “**Saudade: me dá duas**” e “**Ué, morreu? Erro meu!**”, entreveamos a maravilha e o estranhamento, o espanto e o nonsense, o errático e o poético que caracterizam o seu texto. Certa vez, em seu aniversário, mandei-lhe esta: “**À farra, Gui viu garrafa**”, ao que ele me respondeu, na lata: “**Aí, bebi-a!**”.

Alguns dos mais renomados cartunistas do país apresentam aqui os seus trabalhos na seara da reversibilidade. O quadrinista Ota integra a antologia com uma seleção de palíndromos ilustrados que integrarão seu livro de poemas-palíndromos, em produção. Pesquisador de jogos verbais, o quadrinista curitibano Antonio Eder adota a estrutura em palíndromo em alguns de seus trabalhos, como os reproduzidos nesta antologia. Já a cartunista e chargista Laerte produziu e ilustrou palíndromos em suas tiras publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*, assinando-as com o pseudônimo bifronte “E.T. Real”. É de sua lavra esta síntese do olhar palindromista:



Fonte: Folha de S.Paulo [200--?]

Enquanto o romancista potiguar Estevão Azevedo parece exercitar a prosa em seus palíndromos, tematizando desde a mitologia grega até a política (“**O medo, vó, no ar, é Temer remeter ao novo demo**”), a poeta paulistana Sofia Mariutti (“**ele parece tecer a pele**”) e a poeta carioca Gab Marcondes (“**se ama és**”) parecem tecer poemas de um só verso.

De igual maneira, buscam a poesia em seus palíndromos os (sul-)mato-grossenses – lembrando que o MS surge em 1977 – Francisco dos Santos e Fábio Aristimunho Vargas (este que vos escreve), junto com o paulistano Victor Del Franco e o paulista-candango Paulo Alberto Brombal. O mineiro Pedro Mohallem é autor de uma reinterpretação do Quadrado Mágico, um poema visual para o qual propomos a seguinte leitura alternativa, de modo a acompanhar o sentido do bustrofédon: “**Arepo: roda em esse, ara. És semeador: opera.**”

O músico paulistano e poeta Arnaldo Antunes colabora com um poema visual estruturado em palíndromo. O médico fluminense Neuci Gonçalves (hoje em brava luta contra o “caranguejo”), que dedicou ao palíndromo um capítulo de seu livro *Arquitetura de palavras* (2005), alude ao próprio pseudônimo charadístico em “**Icuen é Neuci**”. O quadrinista Heitor Isoda tem um estilo inconfundível, introspectivo, pessoal, que só ganha em profundidade ao fundir palíndromo e desenho. Já a ilustradora Luísa Amoroso representa com técnicas de colagem o que os palíndromos dizem com palavras.

O mineiro Antônio José de Carvalho (que recentemente nos deixou e deixará saudades), com “**O revés até irá matar a barata, Marieta Severo**”, o gaúcho Giba Assis Brasil, com “**Ele pode todo ano dar a Maradona o dote do Pelé**”, e o cearense Hemeterio, com “**Tô na Jato, tá, Janot?**”, têm em comum a tematização de personalidades conhecidas. Hemeterio inclusive ilustra uma de suas composições com um desenho bifronte: de pé, um monge; de cabeça pra baixo, uma bomba em queda livre. Também comprometida com a realidade política e social é a produção palindrômica do mineiro-brasiliense Ricardo Cambraia, que posta no Twitter, por meio do usuário @OPalindromista, assertivas como esta: “**O rito é o processo: pede posse, corpo e o tiro**”.

Gregorio Duvivier e o saudoso Millôr Fernandes, ambos escritores e humoristas cariocas, nos revelam, nesta antologia, mais uma de suas múltiplas facetas, a de palindromistas, sem perder o algo de nonsense que lhes caracteriza o humor. O curitibano Gilberto Yuji Hirabayashi explora as possibilidades do palíndromo extenso, de maior fôlego, inclusive com quebra em linhas. O escritor mineiro Leo Cunha faz uma incitação musical à terceira

idade: “**Ao rock, coroa!**”. Ivan Freire, baiano que vive em Florianópolis, alude ao risco e ao preconceito associados à vida noturna urbana: “**O ritmo balada dá lá bom tiro**”.

Dentre as dedicatórias palindrômicas engastadas pelo jornalista e humorista gaúcho Fraga, destaca-se a empenhada a John Lennon, que parece emular as letras de suas canções. Também jornalista e humorista gaúcho, de importância histórica, Aparício Torelly, conhecido como Barão de Itararé, foi um pioneiro dos palíndromos no Brasil. Já o jornalista paulistano Claudio Julio Tognolli apresenta uma seleção de seus palíndromos convenientemente publicados no ano de 2002. Enquanto o mineiro-paulista Hugo Maciel de Carvalho destaca-se por empregar *emoticons* em seus palíndromos, a jovem Ana Júlia Gomes Vargas, então com sete anos de idade, revela sua linguagem lúdica em textos como “**ah, Carlos, sol racha**”.

O bioquímico carioca Luiz Mors Cabral se dá o luxo de palindromizar uma substância química: “**O terpeno boné preto**”. Com “**O tacape pacato**”, o internacionalista paulistano Geraldo Vidigal parece aludir à antiga política do *Big Stick*, o chamado Corolário Roosevelt da Doutrina Monroe. Já a poeta carioca Marta Lagarta, com o verso palindrômico “**ANTE O ETNA**”, evoca um famoso palíndromo italiano sobre o vulcão ativo da Sicília: “**Etna gigante**”. Baiano desterrado, Clélio Lemos rende homenagem ao torrão natal: “**ai! habitar a ti, bahia!**”.

Em “**Ao ver tubarão no ar, abutre voa!**”, do paranaense-paulista Sérgio IgréS, temos uma pequena fábula fantástica, imagética e imediata como um aforismo, um dito popular sobre cujo significado podemos apenas elucubrar. Mato-grossense radicado em São Paulo, o poeta Paulo Ferraz desvela um modo bilíngue, embora pouco boêmio, de se apreciar a MPB: “**Oir bossa, mas sóbrio**”. De sua experiência no improviso com o coco de embolada, de que é adepto, o professor doutor Pablo Javier Alsina, argentino radicado no Rio Grande do Norte – logo, não nativo da língua portuguesa! –, parece ter trazido ao palíndromo certa sensibilidade para as palavras menos usuais, tais como “próton”, “rapsódia”, “quotidiano”, “cognato”.

O cantor e compositor Chico Buarque integra esta antologia com um palíndromo publicado no número de estreia da edição paulista do jornal *O Pasquim*, de julho de 1986. Ocupado com os ensaios para um *show* com Maria Bethânia, em Paris, e sem tempo para redigir uma matéria a que se havia comprometido, ofereceu a Jaguar, o editor do jornal, um palíndromo